



DO IMAGINÁRIO À EXPLORAÇÃO: A relação do boto-cor-de-rosa com a exploração sexual de crianças ribeirinhas

Autor: Dionísio Guedes de Castro

E-mail: dionisioguedes0@gmail.com

Orientador: Dr. José Moisés Ribeiro

Instituição: FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

Agência Financiadora: FACULDADE DE DIREITO DE FRANCA

Palavras-chave: Boto-cor-de-rosa; Mitologia; Ribeirinho; Cultura; ECA.

INTRODUÇÃO

O Brasil, como um país de tamanho continental, convive com uma diversidade cultural imensa e que tende ao infinito e, dessa forma, cada subgrupo étnico exprime suas vivências e fês de diferentes maneiras desde o início da humanidade. Assim surge o chamado: “folclore brasileiro”.

Entretanto, este mais se assemelha à uma mitologia, pois é responsável por explicar a realidade dos povos que criaram e conviveram com tais mitos. Em muitas regiões estes mitos seguem vivos, principalmente os que surgiram das matas e dos rios.

O Boto-cor-de-rosa, como uma entidade mitológica, é um dos maiores exemplos, tendo em vista o fato de que é rotineira a utilização de termos como “filho do boto” nas regiões ribeirinhas para explicar casos de paternidade desconhecida e até mesmo justificar o porquê de algumas famílias não deixarem suas filhas mais jovens se aproximarem das margens dos rios por medo de que essas “apareçam” grávidas.

A riqueza cultural divide lugar com a pobreza econômica e a ineficácia do Estado com questões de incentivos socioeconômicos e medidas para proteção da juventude ribeirinha abrem espaço para os crimes sexuais que acontecem na região.

É importante ressaltar que desde o período colonial essas populações foram obrigadas a se prender à práticas como pesca e pequena mineração para conseguirem seu sustento, e desde então pouco se fez para que estes tivessem maior inserção econômica. E é neste contexto que um mito tão antigo quanto o do Boto se aproxima da atualidade pois, segundo o folclorista Luís Câmara Cascudo (1952) as primeiras aparições do boto como entidade surgiram no século XIX e este provavelmente teria sido criado não pelos indígenas, mas pelos colonizadores portugueses como forma de esconder os estupros sofridos pelas moradoras da região. Nesta ótica é perceptível que o boto é a maneira lúdica de ditar as relações dos povos originários com os europeus e denunciar os abusos sofridos.

METODOLOGIA

Essa pesquisa possui cunho sócio-jurídica. A metodologia consiste em uma revisão bibliográfica, com levantamento de livros, artigos e sites científicos, monografias, teses e periódicos. Trata-se de uma pesquisa descritiva, que busca estudar os fenômenos em relação à cultura oral com a denúncia dos abusos praticados contra a juventude ribeirinha, analisando as características do objeto de pesquisa.

RESULTADO E DISCUSSÕES

Os principais resultados e discussões atingidos até o momento são:

- A importância da cultura original das populações brasileiras para compreender as atuais problemáticas do país;
- - A ineficácia do Estado no incentivo econômico de populações afastadas dos grandes centros;
- - Importância do cumprimento efetivo das leis de proteção a crianças e adolescentes;
- - Discussão sobre a diferença do mito para a realidade;
- - Discussão sobre a importância da proteção de culturas originais e por fim discussão sobre maneiras mais efetivas de se fazer valer as leis vigentes.

CONCLUSÃO

A mitologia brasileira é formada por diversas entidades com diferentes atividades e significados, mas todas carregam uma carga histórica e social para cada população que a inventou.

O descaso do Estado com a cultura local respalda no descaso com a população local, que é deixada em “terras sem lei” em pleno território nacional, mesmo o Brasil sendo um país que possui legislação vigente necessária para abranger e defender as necessidades das populações isoladas e ribeirinhas.

Proteger a cultura nacional não significa abandonar crenças modernas e sim entender que as leis que existem hoje são resultado de problemática antiga que são denunciadas de diversas maneiras e a muito tempo, o Estado deve fazer valer a lei em todo território nacional para zelar e proteger a juventude dessas regiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12 ed. Grupo editora global, 2012.
- CUNHA, Joana. **Pará é emblema da exploração sexual: conheça o drama das ribeirinhas**. Folha de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://amazonia.org.br/2017/05/para-e-emblema-da-exploracao-sexual-conheca-o-drama-das-ribeirinhas/>. Acesso em: 18 mar 2021.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- FONSECA, Thaila Bastos. **Narrativas Amazônicas: Representações do mito do boto nas narrativas dos moradores antigos da comunidade da missão Tefé-amazonas**. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, 2020, v. 17.